

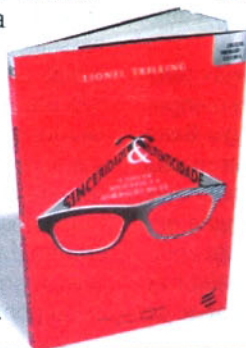
História da vida interior

Em *Sinceridade e Autenticidade*, Lionel Trilling, um dos críticos americanos mais influentes do século XX, investiga as mudanças da imaginação moral moderna

EDUARDO WOLF

Há momentos na história da humanidade nos quais a “vida moral” avalia a si mesma: a ênfase em certas virtudes ou em certos vícios é alterada, por exemplo, ou novos elementos, antes ausentes, passam a fazer parte decisivamente de nossas considerações morais. A tese resumida na frase anterior pode até não ser controversa, mas nada nela se assemelha ao que se entende predominantemente hoje por crítica literária e cultural. Essa constatação serve para medir um pouco da distância que existe entre o soberbo trabalho intelectual realizado pelo crítico americano Lionel Trilling (1905-1975), autor da tese em questão, e a encruzilhada vivida por boa parte da atual crítica acadêmica: irrelevância ou doutrinação (frequentemente, ambas).

Com a publicação no Brasil de *Sinceridade e Autenticidade — A Vida em Sociedade e a Afirmação do Eu* (tradução de Hugo Langone; É Realizações; 192 páginas; 39,90 reais), o leitor tem à disposição uma boa amostra da sensibilidade crítica e da imaginação moral que notabilizaram o autor no cenário americano por décadas. Para o público contemporâneo, e não apenas no Brasil, o prestígio e a influência de que desfrutou Trilling são quase inconcebíveis para um crítico literário. Professor na Universidade Columbia e um dos principais colaboradores da revista *Partisan Review*, Trilling foi das estre-



las liberais (no sentido americano da palavra, que hoje se traduziria como “progressistas”) anticomunistas de sua geração. Sua obra como crítico, especialmente o clássico *A Imaginação Liberal* (1950), é fortemente marcada pelo exame das conexões entre literatura e sociedade a partir dessa perspectiva liberal mais larga. Os interesses do autor, entretanto, eram antes de tudo morais, e não doutrinários e ideológicos, o que talvez explique por que foi acusado, já nos anos 60, de ser um conservador e gradativamente esquecido nas universidades.

Sinceridade e Autenticidade teve origem nas conferências de Trilling, em 1970, na prestigiada cátedra Charles Eliot Norton, da Universidade Harvard. A dimensão moral da obra é inequívoca. O autor propõe a ideia de que o que hoje entendemos como “sinceridade” foi como que um acréscimo tardio à vida moral da cultura europeia. Na Antiguidade, não faria sentido perguntar-se pela sinceridade do herói Aquiles ou do rei Édipo. A situação torna-se completamente distinta a partir, sobretudo, do século XVII, período em que os historiadores usualmente situam uma grande trans-

formação na vida interior do homem europeu. Quando Shakespeare nos apresenta Polônio, em *Hamlet*, aconselhando o filho Laércio que fosse “a ti próprio fiel”, pois então “a ninguém jamais poderás ser falso”, um novo mundo interior se descortinava, com nexos tremendos entre aquilo que nós mais verdadeiramente so-

O HOMEM E SUA MÁSCARA

Lionel Trilling: ele angariou prestígio como crítico e professor inabalável, mas desejava a vida dos gênios criadores cuja obra estudava

SYLVIA SALMIGORRIS/LAIFINSTOCK

mos — quando fiéis a nós próprios — e o mundo social que nos cerca. De Shakespeare a Freud, esse tema ganhará cada vez mais destaque; e Trilling mostra-se um extraordinário guia desse ousado percurso.

Ao longo de sua análise, acompanhamos a tensão entre uma sociedade que se autoexamina criticamente, cobrando coerência entre os princípios por ela professados e suas práticas, e a cisão do homem que nela vive — um

homem cuja consciência é cada vez mais desintegrada, por mais que almeje ser fiel a seu “eu” verdadeiro, e que é levado à impostura da adoção de “papéis sociais” (falsificando a imagem que terceiros fazem dele). Esse traço definidor da sociedade moderna serve de fio condutor para que Trilling explore, com rigor, elegância e leveza, alguns dos principais marcos da literatura do período, dos primórdios da noção de sinceridade em Shakespeare à aguda

consciência dos papéis sociais em Jane Austen ou Henry James.

Trilling tem a capacidade de compor quadros complexos, em que as conexões históricas, as categorias psicológicas e as expressões literárias são aproximadas, alargando o horizonte de compreensão do leitor. O exame de tensões entre um “eu” autêntico e as “máscaras sociais” não é, para ele, uma mera empreitada acadêmica. Antes, essas tensões interessam-lhe pessoalmente,

pois expressam parte do seu próprio dilema: de um lado, o sentimento de prisão à “máscara” do crítico e professor inabalável que construiu ao longo de sua carreira; de outro, seu “eu” verdadeiro, que desejava a vida do gênio-criador (Trilling chegou a publicar um romance de relativo sucesso) sem nunca alcançá-la. O crítico que conduz a investigação escreve com o estilo e a alma do artista — o que resulta em grande literatura, não apenas grande crítica. ■